Resumo

Apresentação de uma nova proposta metodológica para a classificação de cerâmicas finas das idades moderna e contemporânea (séculos XVI a XIX).
O autor aborda questões relacionadas com as pastas cerâmicas, as formas e funcionalidades das peças, as técnicas de conformação e decoração, para fundamentar o conceito que associa a estas produções um conjunto específico de características técnicas e formais.

palavras chave: Idade Moderna; Idade Contemporânea; Cerâmica; Metodologia.

Abstract

Presentation of a new methodological proposal for the classification of fine ceramics from the Modern and Contemporary Ages (16th to 19th centuries).
The author addresses issues relating to ceramic pastes, forms and functions of the pieces, and conformation and decoration techniques in order to confirm the concept that associates these productions to a specific set of technical and formal characteristics.

key words: Modern age; Contemporary age; Ceramics; Methodology.

Résumé

Présentation d'une nouvelle proposition méthodologique pour la classification de céramiques fines des périodes moderne et contemporaine (du XVIème au XIXème siècles).
L'auteur aborde des sujets en lien avec les pâtes céramiques, les formes et les fonctionnalités des pièces, les techniques de formage et de décoration, afin d'asseoir le concept qui associe à ces productions un ensemble particulier de caractéristiques techniques et formelles.

mots clés: Période moderne; Époque contemporaine; Céramique; Méthodologie.

Cerâmica Fina da Idade Moderna

proposta de um novo conceito

J. A. Severino Rodrigues [I]

1. Introdução

As cerâmicas foscas de paredes muito finas, de uso tão vulgarizado no quotidiano das populações dos séculos XVI a XIX e amplamente divulgadas na Europa e no "Novo Mundo" pela sua delicadeza e fragilidade, que tantos elogios mereceram e se registaram nas fontes escritas, afiguram-se-nos nos contextos arqueológicos, na generalidade, não como vasos inteiros mas sim como um grupo de pequenos fragmentos de difícil interpretação.

Nos conjuntos das cerâmicas provenientes destes contextos, encontramos sistematicamente um grupo de cerâmicas de uso comum, de fina espessura, na sua maioria com profusa decoração, as quais têm vindo a ser classificadas com uma multiplicidade de nomenclaturas.

Termos como cerâmicas *"moldadas"* [1] (Moita, 1964), *"modeladas"* (Ferreira, 1994), com *"reflexos do barroco"* (Ferreira, 1995), ou *"terra sigillata portuguesa"* (Baart, 1992), são algumas das designações mais comuns que podemos encontrar na bibliografia arqueológica disponível. No entanto, poucos são os casos em que estas terminologias se encontram associadas a um conjunto de características específicas que definam ou caracterizem com rigor o tipo de cerâmicas a que se referem.

Ao redigirmos este artigo tivemos como preocupação principal, não a definição estanque de uma nova tipologia cerâmica, mas sim agrupar um conjunto de características técnicas e decorativas que, associadas a uma nova terminologia, permitam definir, em traços gerais, este tipo de cerâmica tão comum nos contextos anteriormente referidos.

[1] Para cada um destes termos apresentamos apenas as referências aos autores que os usaram pela primeira vez.

[I] Arqueólogo. Associação Cultural de Cascais.

Este texto, com ligeiríssimas alterações, foi entregue para publicação em 2006 para integrar o volume das Actas do VI Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos, organizado pela autarquia de Matosinhos, em conjunto com o Dr. Paulo Dórdio. Infelizmente, este e outros textos, nunca chegaram a ser dados à estampa. Por nossa opção, mantivemos praticamente integral o texto e não actualizámos a bibliografia.

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Apoiados nas publicações disponíveis, em conversas informais e avulsas, e através de informações que nos foram prestadas relativamente aos espécimes destas cerâmicas finas de contextos da Idade Moderna não publicados [2], recolhemos todo um conjunto de informações que nos permitiram avançar com a presente proposta [3].

2. A cerâmica fina da Idade Moderna

2.1. Características

2.1.1. Pastas

A diversidade das características composicionais das argilas que existem, ou que existiram, no actual território português, conjuntamente com o profundo desconhecimento que a comunidade arqueológica detém sobre os antigos centros produtores de cerâmica fosca, inviabiliza qualquer tentativa de estabelecer uma relação entre determinado tipo de recipiente e as argilas com que foi manufacturado.

Em contrapartida, as pastas dos vários conjuntos de cerâmica fina analisados parecem partilhar, na generalidade, algumas características particulares, o que é justificado pela necessidade das oficinas produzirem este tipo de objectos manufacturados para utilizações específicas, nomeadamente a contenção de líquidos.

Trata-se de pastas brandas, muito finas e porosas, compactas, com cores que podem oscilar entre o castanho muito claro e o vermelho acastanhado, embora com predomínio da cor laranja avermelhada.

Quanto aos elementos não plásticos presentes, em quantidades que variam, são geralmente de granulometria fina ou muito fina, o que, na maioria dos casos, não permite a correcta identificação dos minerais [4].

Excepção feita para os grãos de calcário e de óxidos de ferro, que se observam, muitas das vezes, com dimensões consideráveis. Por vezes, no caso dos grãos de óxidos ferrosos, estes são mais espessos que a parede da própria vasilha.

Estas são as razões que nos levam a pensar que, em certos casos, poderemos estar na presença de barros provenientes de depósitos naturais nos quais já se encontrassem decantados, e que seriam pouco processados pelo oleiro, razão que justifica uma tão grande assimetria nas dimensões dos grãos [5].

[2] Queremos deixar aqui expresso o nosso agradecimento a todos os investigadores, colegas e amigos que gentilmente nos autorizam a ver e a relatar a existência de contextos de recolha onde se registaram cerâmicas finas das idades Moderna e Contemporânea, que se encontram ainda em fase de estudo. São eles: Ana Castro, Alexandra Gaspar, Ana Gomes, Ana Vale, António Marques, António Silva, Clementino Amaro, Francisco Alves, Guilherme Cardoso, Henrique Mendes, Inês Vaz Pinto, João Pimenta, José Bettencourt, Lídia Fernandes, Luís Sebastian, Margarida Ramalho, Patrícia Carvalho, Paulo Dórdio, Rodrigo Banha da Silva, Olinda Sardinha, Rosa Varela Gomes e Vítor Gonçalves.

[3] Excluímos desta análise todas as peças existentes em colecções particulares ou em antiquários, por se desconhecerem as suas origens e contextos.

[4] Por apresentarem inclusões de grãos de quartzo de maior calibre, excluímos desta análise as pastas com as características das usadas nas produções que Duarte Nunez do Leão, na sua obra *Descrição do Reino de Portugal* (LEÃO, 1610: 47-48), indica para Montemor-o-Novo, ou das ainda mais grosseiras pastas do Sardoal ou de Pombal.

[5] Não excluímos a hipótese de estes se tratarem de adições de elementos não plásticos feitas ao barro, embora, quer pelas dimensões, quer pela forma rolada que por vezes apresentam, não se coadunem com o contorno dos materiais não plásticos quando adicionados. Estes são geralmente resultantes de uma selecção granulométrica efectuada após a fractura de blocos de maiores dimensões, fracção essa que apresenta grãos com arestas angulosas.

2.1.2. Formas e funcionalidades

A profusão de formas que encontramos nas cerâmicas finas da Idade Moderna, quer estas se apresentem lisas ou decoradas, não nos permite estabelecer qualquer tipo de tipologia, já que seria prematura a apresentação de qualquer sistematização em função dos escassos dados disponíveis ao momento.

No entanto, podemos inferir que, por se tratar de recipientes manufacturados com um barro brando e com elementos não plásticos de reduzidas dimensões, muitos destes pudessem ter como principal função a contenção de líquidos, como dissemos supra. É o caso evidente dos púcaros de água, das bilhas e de alguns dos exemplares que ostentam pedras de quartzo leitoso no seu interior/exterior.

Menos clara é a função das taças, que tendo servido maioritariamente como contentor para água, quer para beber quer para refrescar e humidificar o ambiente (VASCONCELOS, 1957: 62), poderão ter tido também outras funções. O facto de serem referidas como contentores para doces (SEQUEIRA, 1967), corroborado pelas representações na pintura de Josefa de Óbidos, elimina a exclusividade desta função. Esta ideia é ainda reforçada pela ocorrência de muitos bordos ondulados, que impediriam um correcto contacto com os lábios de quem por elas tentasse beber.

Refira-se ainda que em alguns exemplares recolhidos na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz [6], em Cascais, surgem indícios da utilização deste tipo de peças sobre o fogo, dado que alguns exemplares apresentam o exterior enegrecido e, por vezes, com a superfície lascada por fractura térmica. Noutros exemplares, no fundo interno, observam-se zonas pontuais enegrecidas quer pela acumulação de uma matéria negra e vítrea, quer por simples conjuntos de manchas circulares, também de cor negra.

[6] A referida colecção de cerâmicas, proveniente da intervenção arqueológica realizada em 1987 e 1993 no baluarte Este da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, em Cascais, pelos arqueólogos Margarida Magalhães Ramalho e João Cabral, encontra-se presentemente a ser por nós estudada.

A somar a todas estas possíveis funcionalidades, há que juntar a de servir apenas como objecto puramente decorativo, nomeadamente em alguns exemplares com aplicações de pedras ou de figuras aquáticas, e em que no seu interior seria vertida água.

Parece-nos assim que a multifuncionalidade, principalmente no que respeita às taças, seria uma realidade, tornando-se por isso difícil ou impossível a atribuição de uma função específica a estes vasos.

2.1.3. Técnica de manufactura

O que melhor individualiza este tipo de cerâmica é, sem dúvida, a técnica usada na sua manufactura. As observações que seguidamente enumeramos, tal como muitos dos princípios que aqui apresentamos, baseiam-se numa cuidada observação de vários milhares de fragmentos, distribuídos por diversas colecções. Através do exame de cada um destes recipientes, procurámos verificar as técnicas usadas durante a sua modelação.

Nos artigos e publicações em que são apresentados estudos que integram cerâmicas finas da Idade Moderna [7], várias são as alusões à possível construção deste tipo de vasilhas recorrendo ao uso de moldes (Moita, 1964; Rego e Macias, 1993; Ferreira, 1994). Talvez pela profusão e repetição dos motivos decorativos ou pela própria assimetria da forma destes exemplares se possa inferir que se trata de um trabalho executado por molde, já que a sua execução através da técnica manual exigiria demasiado tempo.

Uma observação mais aprofundada demonstrou que o recurso a molde não se encontra presente na totalidade dos exemplares que tivemos oportunidade de examinar, julgando que o mesmo possa acontecer em muitas das peças que se encontram publicadas. Existem alguns estudos que procuraram demonstrar o uso de moldes na manufactura destas cerâmicas (Ferreira, 1994), sem que o tenham conseguido, no entanto, de forma cabal. Continuámos a assistir, entretanto, a uma profusão de terminologias para as técnicas utilizadas que se tornam igualmente ineficientes na sua caracterização.

A proposta do uso do termo "cerâmica modelada" surge assim como forma justificativa do recurso não ao molde, mas sim à utilização do torno e da mão enquanto instrumentos que produzem a peça ou a decoração (Ramalho e Folgado, 2003).

No entanto, a falta de parametrização deste termo não permite individualizar este grupo de cerâmicas, já que a modelação, enquanto técnica, é aplicada à cerâmica em geral e, consequentemente, qualquer recipiente em barro manufacturado num torno é modelado [8].

Não nos restam dúvidas que o fabrico da maioria destes recipientes é feito em torno rápido, já que se tornam bem visíveis as estrias de modelação que muitos apresentam. No entanto, a modelação de qualquer recipiente torneado à roda rápida nunca permite obter a fina espessura de paredes que muitos destes exemplares apresentam, característica particular que os distingue da restante cerâmica fosca. Verificámos ainda a assimetria de espessuras que encontramos ao longo dos perfis destas peças, nomeadamente nos das taças, ressalvando que muitas das caneluras e ressaltos não são colados às paredes como se de cordões plásticos se tratassem.

Com base nas técnicas de modelação conhecidas e na observação das técnicas de manufactura da olaria tradicional [9], traçaremos, de seguida, uma sequência de passos que julgamos poderem ter sido usados na manufactura da generalidade das Cerâmicas Finas da Idade Moderna.

A execução em torno rápido da matriz destes recipientes criaria objectos muito diferentes do produto final que conhecemos. As paredes, quando levantadas pelo oleiro, deveriam ter espessuras que rondariam os três milímetros ou mais, e, por vezes, não apresentariam fundo.

Postas a secar durante um a dois dias, até que a lenta perda de água deixasse a pasta com a consistência do couro, as peças encontrar-se-iam *"meio enxutas"* (Parvaux, 1968: 107-108; Rice, 1987: 138), prontas para uma segunda fase de processamento. Seria neste momento que se colava o fundo e se desgastavam as paredes da peça até obter a espessura desejada [10]. Posteriormente procedia-se à decoração, à qual se seguia a aplicação das asas, finalizando-se o processo, em muitos dos casos, com a aplicação de um engobe.

Muitos destes passos podem ser observados em vestígios ou marcas deixadas pelo oleiro, e que se conservam nos exemplares arqueológicos estudados. É o caso da aplicação posterior dos fundos, que pode ser reco-

[7] Procurámos compilar o maior número possível de referências bibliográficas em que é referido ou representado este tipo de cerâmicas.

[8] No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa (Casteleiro, 2001), encontramos a seguinte entrada: *"**modelado, a** […] **1.** Que foi moldado para adquirir nova forma; que se modelou. […] **2.** Que está feito segundo um modelo"*.

[9] Cumpre-nos agradecer ao Mestre Domingos, oleiro com oficina em Muge, toda a disponibilidade e empenho que demonstrou em nos transmitir os seus conhecimentos técnicos relativos à olaria tradicional portuguesa.

[10] Sendo esta a principal característica sobre a qual assenta o conceito de cerâmica fina da Idade Moderna, excluímos naturalmente todas as peças que, embora apresentem a mesma forma, não foram manufacturadas segundo esta técnica. Trata-se, portanto, de cerâmicas foscas de uso comum que, em consequência da vulgarização de um dado modelo amplamente aceite, tentam suprir as exigências do mercado.

nhecida em vários exemplares recolhidos nas escavações arqueológicas da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, em Cascais, onde o fundo que havia sido colado foi encontrado destacado do corpo da peça aquando da sua exumação (Fig. 1).

No que se refere aos vestígios deixados pelo desgaste das paredes, são dificilmente reconhecíveis, já que se encontram, na maioria dos casos, mascarados pela aplicação do engobe ou pelo excelente fino acabamento dado às superfícies. No entanto, uma observação mais cuidada dos perfis fracturados mostra que, como referimos anteriormente, as caneluras e ressaltos não foram colados/aplicados mas sim resultado de zonas da parede que não foram desgastadas. A confirmar esta afirmação está o facto de nas paredes e fundos as caneluras e ressaltos se apresentarem marcados com arestas profundamente vincadas, o que só seria passível de acontecer se na sua execução fosse utilizado um instrumento de corte.

Após aplicadas as várias técnicas decorativas, cuja descrição desenvolveremos adiante, seria feita a aplicação das asas que, em alguns dos casos observados, são manufacturadas com pastas diferentes e com um maior número de elementos não plásticos, o que pode ser explicado pela necessidade do oleiro cozer espessuras maiores de barro sem que estas se fracturassem. Também a colagem das asas provoca, por vezes, a deformação das paredes, nomeadamente quando estas são aplicadas junto do bordo, modificando consequentemente a regular simetria do objecto.

Só após a finalização da decoração e dos elementos de preensão é que o oleiro procederia à aplicação do engobe, pois caso o fizesse anteriormente muito deste seria removido, nomeadamente aquando da aplicação de técnicas decorativas que recorressem a instrumentos. Assim, o engobe preenchia e simultaneamente eliminava alguns eventuais defeitos que as vasilhas pudessem apresentar, obtendo-se um produto final de cor uniforme, e cuja profusão de decorações impediria, certamente, que se tornassem tão evidentes as assimetrias que se verificam em muitos destes exemplares arqueológicos.

Após a completa secagem e antes de serem colocadas no forno, algumas das peças são brunidas, parcial ou totalmente, obtendo-se superfícies uniformes e brilhantes que durante este período histórico atingem uma enorme qualidade, já que em muitos dos casos não ficam visíveis as marcas desta acção. Terá sido esta característica a levar a que estas cerâmicas fossem tomadas como idênticas aos exemplares romanos em "*terra sigillata*"?

Devido à fina espessura das paredes obtidas através desta técnica de "fretagem" [11] das paredes, após a cozedura, o produto final apresentava-se frequentemente deformado, quer devido à acção do seu próprio peso, quer das pressões sofridas aquando do empilhamento no forno.

Fig. 1 – Taça de cerâmica fina da Idade Moderna proveniente das escavações arqueológicas da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, em Cascais, cujo fundo havia sido colado.

[11] Técnica que deve o seu nome ao uso da fretadeira, instrumento composto por lâmina de ferro dobrada em forma de S, com o qual se desbastam as paredes e o fundo das peças.

2.1.4. Decoração e técnicas decorativas

A tentativa de sistematização das técnicas decorativas usadas na ornamentação da cerâmica fina da Idade Moderna, que seguidamente enunciaremos, prende-se com o facto de entendermos que, por cada novo estudo que é dado à estampa, se torna urgente e indispensável, cada vez mais, uniformizar a sua descrição.

Referiremos, portanto, um conjunto de técnicas possíveis de executar neste tipo de cerâmicas, considerando a condicionante da fina espessura das suas paredes.

Todas estas técnicas decorativas deixam marcas, algumas bastante acentuadas, o que, pelo tipo de deformações que produzem e que se tornam visíveis nas alterações da parede oposta à que foi decorada, corroboram o facto de só poderem ser efectuadas após um tempo de secagem prévio.

Do conjunto de observações que nos foi possível efectuar, até ao presente momento, encontrámos a aplicação de um variado conjunto de técnicas decorativas, que passaremos a descrever.

2.1.4.1. Digitação

2.1.4.1.1. Digitação simples: técnica decorativa que origina a deformação da parede provocada pela simples pressão dos dedos. O oleiro aplica os dedos em ambas as faces do recipiente, produzindo uma maior pressão em um dos lados e auxiliando simultaneamente do

FIG. 2 – Decoração através de digitação simples externa: exterior (à esquerda) e interior (à direita).

outro, evitando assim o rompimento da parede. É esta a razão que explica o facto de, por vezes, se verificar a existência de "teias de aranha" [12], negativos de impressões digitais ou mesmo das unhas do artesão nas faces que se encontram menos expostas e que, consequentemente, não necessitam de um tão apurado trabalho de finalização.

a) Digitação simples externa: quando a maior pressão é executada sobre a face externa, produzem-se ônfalos, subcirculares ou ovóides, cujo contorno é dificilmente observável (Fig. 2).

b) Digitação simples interna: se, pelo contrário, a maior pressão é feita na parede interna, esta produz motivos decorativos em relevo, de forma circular ou ovóide, também estes sem limites bem definidos (Fig. 3).

c) Digitação simples interna/externa: em situações menos comuns em que a deformação das paredes exige uma acção mais complexa verificam-se, em simultâneo, estas duas formas de pressão, nomeadamente na deformação das pregas dos bordos lobulados ou em deformações onduladas (Fig. 4).

[12] Termo usado na olaria tradicional para descrever as marcas formadas por um conjunto de pequenos e sinuosos levantamentos de argila resultantes do contacto dos dedos húmidos com a superfície molhada da peça.

FIG. 3 – Decoração através de digitação simples interna: exterior (à esquerda) e interior (à direita).

FIG. 4 – Decoração através de digitação simples interna e externa: exterior (à esquerda) e interior (à direita).

2.1.4.1.2. Digitação auxiliada por instrumento: no presente caso, ao ser aplicada a técnica de digitação simples [13], recorre-se ao uso de um instrumento auxiliar, colocando-o contra a face oposta à qual se produzirá a tensão dos dedos. Esta acção permite um melhor controlo da pressão e não provoca o rompimento da parede. Este tipo de técnica decorativa distingue-se das restantes por apresentar, em redor da decoração relevada, o negativo do instrumento usado (Fig. 5). Por vezes, a forma como o dedo efectua a pressão na parede faz com que fique impressa a unha.

2.1.4.2. Digitação com recurso a instrumento

2.1.4.2.1. Incisa: decoração composta por finas incisões (linhas regulares ou curvilíneas, pontos ou unhadas) que desenham na superfície do objecto os motivos decorativos ou parte destes, sendo executadas através da incisão de um instrumento de ponta fina e aguçada ou da unha da pessoa que produz a decoração [14].

2.1.4.2.2. Com destaque ou remoção de matéria: na aplicação desta técnica decorativa recorre-se ao uso de um instrumento que produza o destaque de matéria do corpo da vasilha (Fig. 6). Quando observado este tipo de decoração, verificamos que, nas áreas em que esta foi aplicada, o recipiente apresenta consequentemente a parede com menor espessura devido à remoção do barro nessa área. Situação idêntica pode ser verificada quando o oleiro produz muitos dos ressaltos, molduras horizontais ou caneluras com arestas vincadas que habitualmente delimitam as áreas decoradas. Também estas são criadas através do destaque de matéria em áreas de maior espessura das paredes, razão que explica o facto de as suas arestas se apresentarem tão vivas e acentuadas.

2.1.4.2.3. Por pressão: a partir da pressão de um instrumento contra a parede da vasilha, produzem-se variados tipos de deformações que têm como traço comum a marca deixada pelo negativo da ferramenta (Fig. 7). Note-se que, ao contrário do que sucede na aplicação da técnica da digitação auxiliada por instrumento, onde a digitação sobre a parede é feita contra o instrumento, no presente caso é a pressão da ferramenta contra a parede que produz a deformação. É também com o auxílio de um instrumento que se produzem muitas das suaves caneluras horizontais observadas neste tipo de exemplares, as quais são executadas com o torno em rotação lenta, razão que explica o facto de, por vezes, o início e o fim da canelura não serem coincidentes e, consequentemente, apresentarem-se espiraladas.

Figs. 5, 6 e 7 – Em cima, decoração através de digitação auxiliada por instrumento.

Ao centro, decoração com recurso a instrumento que produz destaque de matéria.

Em baixo, decoração com recurso a instrumento por pressão.

Faces exterior (à esquerda) e interior (à direita).

[13] De todos os conjuntos de cerâmicas finas da Idade Moderna que tivemos oportunidade de observar, a técnica da digitação auxiliada por instrumento só foi verificada em taças nas quais a pressão dos dedos foi feita na face interna, sendo o instrumento auxiliar aplicado contra a face externa.

[14] Sabemos que, tradicionalmente, a decoração das peças de barro se encontra maioritariamente reservada às mulheres que laboram nas olarias, o que fica bem expresso ao longo do trabalho de Solange Parvaux (1968).

FIG. 8 – Decoração por estampilhagem de uma matriz: exterior (à esquerda) e interior (à direita).

2.1.4.2.4. Estampilhada: embora menos usual, verificou-se a existência de exemplares na superfície dos quais se reconhece a estampilhagem como técnica decorativa empregue. São disso exemplo a jarra proveniente do poço do pátio da Câmara de Torres Vedras (LUNA e CARDOSO, 2001: 13), ou o exemplar apresentado na Fig. 8, recolhido no Baluarte Este da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, em Cascais. Através da pressão de uma matriz contra a parede da peça, o negativo desta vai ficar impresso. Na maioria dos casos conhecidos, é a repetição contínua desse motivo que produz a decoração. De notar que os exemplares observados apresentavam as superfícies engobadas ou mesmo brunidas, indicador de que a aplicação da matriz se fez previamente à aplicação destes acabamentos. Daí resulta que os negativos da impressão se encontrem preenchidos pelo engobe e, consequentemente, não se observe qualquer rompimento da superfície revestida, ao contrário do que aconteceria se a acção de estampilhagem tivesse sido executada posteriormente à aplicação deste.

2.1.4.3. Decoração brunida

A decoração brunida é também corrente nas cerâmicas comuns finas da Idade Moderna, nomeadamente sob a forma de linhas onduladas (GIL, 2005: 27-37 e 47-49) ou reticuladas (Fig. 9). Não deverão ser incluídos neste grupo todos os exemplares que apresentam a totalidade da superfície brunida, já que nesta condição estamos perante uma forma de acabamento e não de uma decoração.

FIG. 9 – Fragmento com brunido a formar decoração.

2.1.4.4. Aplicações

Dentro deste tipo de técnica decorativa considerámos todas as formas de aplicações, quer estas sejam feitas com recurso a elementos plásticos ou não plásticos.

Ressaltam neste grupo as cerâmicas pedradas, cuja técnica e alguns exemplares se encontram profundamente descritos e tratados nos trabalhos de Lapa CARNEIRO (1989) e Olinda SARDINHA (1997 e 1999). Embora possamos também referir a existência de cerâmicas finas com aplicações de figuras (CASTRO e SEBASTIAN, 2003: 555, n.º 261), medalhões (SILVA *et al.*, 2000), ou decoradas com pequenas palhetas de mica moscovite (FONTES, FERNANDES e CASTRO, 1998), o facto de não termos tido a oportunidade de observar os exemplares onde estes motivos foram aplicados, impede-nos de os incluir neste grupo. Para tal, seria necessário que estivessem também de acordo com os pressupostos indicados para o tipo de pastas e para a técnica de manufactura.

2.2. O CONCEITO

O grande grupo de formas ao qual pode ser atribuída a designação de cerâmica fina da Idade Moderna assenta no conjunto de características que anteriormente delineámos, sendo, no entanto, a espessura das paredes a principal expressão visível a verificar.

Trata-se, portanto, de uma técnica de manufactura que condiciona e é condicionada por um conjunto de acções e cujo resultado é passível de ser individualizado através das seguintes características:

– Pasta branda, cuja granulometria dos elementos não plásticos é fina, na generalidade, permitindo a transpiração do recipiente e, consequentemente, o arrefecimento dos líquidos;

– Manufactura executada ao torno, observando-se em muitos dos casos as estrias de modelação;

– Fundos colados numa fase posterior à execução do corpo, sendo a junção "limpa" no momento em que se aplanam as paredes;

– Para que seja obtida a fina espessura pretendida, parte-se de uma vasilha cujas paredes apresentam maior grossura, procedendo-se posteriormente ao seu desgaste, execução que tem lugar após uma prévia secagem. Após esta acção, as paredes podem atingir espessuras mínimas inferiores a um milímetro, não ultrapassando os 3,5 mm de grossura [15];

– A assimetria de espessuras que se verifica ao longo do perfil da peça, consequência do desgaste parcial das paredes, é marcada por fortes ressaltos com arestas vivas. Embora aparentando uma função exclusivamente decorativa, também reforçam estruturalmente as finas paredes do recipiente;

– A profusão de decorações que apresentam resulta da aplicação de um conjunto de técnicas decorativas, executadas após uma prévia secagem, que só são passíveis de serem aplicadas a paredes de fina espessura.

[15] Estes valores referem-se apenas às áreas que sofreram desgaste. Não se exclui, no entanto, a hipótese de se verificarem maiores espessuras, nomeadamente em exemplares de vasilhas de maiores dimensões, cuja altura não permita às paredes de tão fina espessura suportarem o seu próprio peso.

Podem ainda verificar-se outras condições, nomeadamente a aplicação de um engobe que, deixando as superfícies uniformes, cobre muitas das irregularidades.
A fina espessura destes vasos faz com que o seu próprio peso, a aplicação de elementos contra as paredes ou as pressões sofridas durante a sua acomodação no forno, produzam, por vezes, deformações na simetria ou na axialidade da peça.

2.2.1. As formas

Apenas em função do facto de o mesmo tipo de vasilhas poder, ou não, apresentar decorações, é consequentemente possível a sua subdivisão em dois grandes grupos, isto é, os exemplares que se apresentam decorados e os lisos.
A diversidade formal das cerâmicas finas da Idade Moderna decoradas é de tal forma ampla que, tal como anteriormente referimos, não foi nossa intenção produzir qualquer proposta de sistematização formal.
Importará, no entanto, referir a existência do grupo de peças que, por se apresentarem sem decoração, partilham das restantes características por nós enunciadas. Embora que raros, estes exemplares apresentam apenas suaves caneluras ou ressaltos (CARDOSO e RODRIGUES, 2003), razão pela qual os excluímos do grupo das peças decoradas.
Embora sem decoração, foram, no entanto, torneados através da mesma técnica anteriormente descrita, e apresentam espessuras e pastas que lhes permitem ser integradas neste conceito.

Destaca-se neste grupo das cerâmicas não decoradas uma forma que, pela sua ampla funcionalidade, merece uma referência particular, dada a complexidade da sua definição. Trata-se dos púcaros [16].
Definir e caracterizar o termo "púcaro" é uma tarefa que tem ocupado a maioria dos investigadores que se dedicaram ao estudo da cerâmica de uso comum.
Jorge Alarcão, na sua obra *Cerâmica Comum, Local e Regional de Conímbriga* (ALARCÃO, 1974: 34), apresenta a seguinte definição para o termo: *"… serviam para levar água ou vinho à boca, para transvasar líquidos e podiam fazer ainda ofício de jarros. De bojo normalmente ovóide e colo contracurvo a desenharem no todo um perfil em S, armados de uma ou, mais raramente, duas asas, os púcaros têm por vezes o colo quase vertical num gargalo muito largo.* Flasco *e* poculum *designavam provavelmente os nossos púcaros".*
A nomenclatura para esta forma fica assim bem definida, podendo-se concluir que tanto serve aos púcaros do período Romano como aos da Idade Moderna, ou aos exemplares etnográficos.
Se tomarmos como exemplo os vasos em cerâmica de paredes finas, nomeadamente a forma XXIV proposta por Françoise MAYET (1975), encontraremos proximidade com os púcaros ditos de Estremoz, tão vulgarizados nos séculos XVI-XVII. No entanto, parece existir uma continuidade da forma e mesmo da funcionalidade durante a presença muçulmana no al-Andalus, nomeadamente se tomarmos em conta o exemplar exposto numa vitrina do Museu da Cidade de Cádis, datada dos séculos X-XI (Fig. 10).

[16] A evolução desta temática, em nós, relativa à cerâmica fina da Idade Moderna, deve-se às várias discussões que se desenrolaram durante e após as intervenções que tiveram lugar na "Mesa Redonda sobre a Cerâmica Fina Não Vidrada do Século XVII", realizada no âmbito dos "VI Encontros de Olaria de Matosinhos". De forma breve, apresentámos então a público algumas considerações sobre a funcionalidade e a tipologia dos púcaros, cujos resultados se apresentam com maior desenvolvimento neste artigo.
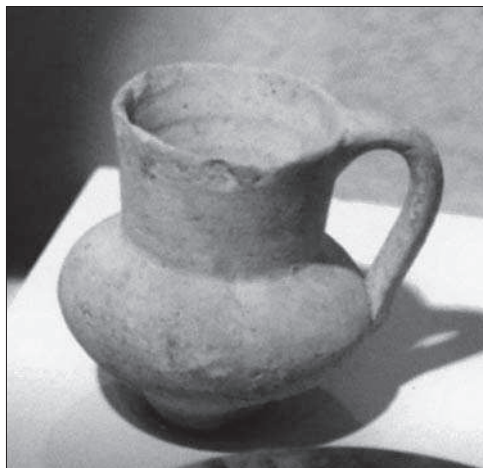
FIG. 10 – Púcaro muçulmano datado dos séculos X-XI. Museu da Cidade de Cádis.

Preocupação idêntica em definir e caracterizar este termo tinha já presidido à investigação da grande filóloga D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos quando, em 1905, produziu uma obra fundamental para o estudo dos púcaros e que, volvidas seis décadas, continua a ser a principal referência de quem se dedica a estas problemáticas (Vasconcelos, 1957).

Foi sua intenção, de facto, provar que a palavra *"púcaro"* não tinha origem no termo *"búcaro"*, designação para uma tipologia de vaso para ingestão de líquidos, em argila fina, produzido pelos indígenas do continente americano durante o século XVI.

A sua demonstração, clara e muito bem defendida, baseava-se fundamentalmente nos conteúdos de fontes documentais, e sustentava-se na continuidade do uso deste tipo de vasos até à actualidade, realidade que tão bem conhecia através dos estudos etnográficos que havia conduzido.

Se quanto à nomenclatura não parecem restar grandes dúvidas, no que respeita à forma e à funcionalidade dos púcaros, o abundante número de referências encontradas nas fontes documentais, escritas e impressas, é, na maioria dos casos, pouco ou nada esclarecedor, pois desconhece-se a forma exata a que se referem.

Muitas e diferentes funções foram referidas para este tipo de vaso, pelo que passaremos a enunciar apenas algumas das mais expressivas, o que demonstra bem a multiplicidade de aplicações e a versatilidade do recipiente.

Um elevado número de representações podem ser encontradas na pintura do século XVI, tanto portuguesa como estrangeira. São por demais conhecidos nos quadros da autoria de Josepha d'Óbidos (Raposo, 1985; Serrão, 1993). Também em Diego Velasquez (Seseña, 1991) se observa, no quadro "Las Meninas", a Princesa Margarita, filha de Filipe IV de Espanha, recebendo das mãos de uma dama de honor um púcaro de barro.

No entanto, já seu bisavô, Filipe II de Espanha, enviara de Estremoz uma caixa de púcaros para as suas filhas (Álvarez, 1999), pondo alguns autores a hipótese de estes vasos poderem ter também propriedades medicinais (Escudero, 1999; Vasconcelos, 1957), nomeadamente quando roídos. Este procedimento aparece designado na bibliografia como *"bucarofagia"* (Vasconcelos, 1957), havendo mesmo discussão sobre as causas que podiam levar ao consumo do fino barro dos púcaros. Adição de ferro ao sangue, o adelgaçar da cintura, o tratamento da síndrome de Albright ou do bócio e hipertiroidismo, são algumas das hipóteses colocadas por estes autores.

Outras atribuições dos púcaros são conhecidas, tais como o uso na dosagem das tintas para pintura (Nunes, 1982), ou na dosagem da culinária (Azevedo, 1980), servindo mesmo ao poeta Luís de Camões para descrever a pureza do rosto de uma sua apaixonada (Cidade, 1982).

Estas vasilhas estavam tão em voga nos séculos XVI e XVII que o próprio rei as usava à sua mesa (Resende, 1991 [1607]; Vasconcelos, 1957), cedendo mais tarde o nome ao festejo designado por "púcaro de água" e a que hoje chamamos de "copo de água" (Manoel, 1765) [17]. Do levantamento bibliográfico que efectuámos, no qual se regista a recolha de púcaros, as cronologias balizam-se maioritariamente entre os finais do século XV e o século XVIII. As formas mais comuns conhecidas apresentam colo cilíndrico ou troncocónico, ressalto na ligação com o bojo, corpo globular ou ovóide, e pé que, sendo ou não em bolacha, se apresenta geralmente destacado (Cardoso e Rodrigues, 2003).

[17] Agradecemos a inclusão desta nota a Olinda Sardinha, que gentilmente nos cedeu a publicação, e a quem este estudo da cerâmica fina da Idade Moderna muito deve.

Registamos apenas uma outra variante inédita, que até agora se circunscreve a intervenções arqueológicas realizadas na região de Lisboa, e que apresenta como característica marcante um ressalto na ligação do bojo com a base, podendo o colo exibir várias caneluras horizontais (Fig. 11).

De facto, os únicos exemplares de que tivemos conhecimento estão associados a quatro intervenções arqueológicas, das quais três realizadas na cidade de Lisboa e uma no concelho de Cascais, no lugar de Alapraia. Da última os resultados não se encontram publicados, embora o arqueólogo Victor S. Gonçalves, responsável por estas escavações, nos tenha autorizado a referenciá-los.

Em Lisboa, conhecemos um elevado número de exemplares provenientes da intervenção arqueológica realizada no Largo do Corpo Santo (Vale e Marques, 1997), da responsabilidade dos arqueólogos Ana Vale e Clementino Amaro, que nos autorizaram o estudo parcial desta colecção.

Fig. 11 – Púcaro proveniente da intervenção arqueológica realizada no Largo do Corpo Santo, que apresenta como característica marcante um ressalto na ligação do bojo com a base.

Púcaros idênticos foram exumados durante as escavações do Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa, conduzidas pelo arqueólogo Rodrigo Banha da Silva, e em que um dos púcaros se encontra associado a um nível datável entre 1498 e 1502.

Um outro conjunto de fragmentos destes púcaros foi exumado nas escavações do Castelo de S. Jorge, pelas arqueólogas Alexandra Gaspar e Ana Gomes, onde são datados de níveis da primeira metade do século XVI.

Quanto ao exemplar recolhido em 2006, em Alapraia, encontrava-se nos entulhos vazados sobre o corredor da gruta III, não apresentando por isso qualquer estratigrafia, embora o conjunto de espólios associados pareça pertencer a restos de uma ocupação dos séculos XVI e XVII [18].

A maioria destes e de outros exemplares observados tem como característica particular o facto de a sua manufactura poder integrar-se no conceito de cerâmica fina da Idade Moderna.

A fina espessura que apresentam remete-nos para a utilização de uma técnica idêntica à anteriormente referida, o que é justificado pelo pequeno ressalto que apresentam na ligação do colo com o bojo. Note-se que é nesta inflexão que a peça apresenta maior fragilidade, pelo que, consequentemente, é neste local que precisa de ser robustecida.

Em alguns exemplares verifica-se também a aplicação posterior do fundo em bolacha, situação que fica bem visível quando a ligação interna do pé com a base cria um ângulo agudo, o que seria de impossível execução durante a fase de modelação.

[18] Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1957) regista em Lisboa três produções distintas de púcaros: *"os do Castro"*, *"os da Maia"* e *"os do Romão"*. Parece tratar-se de três produções distintas, o que não é de estranhar, considerando o elevado número de olarias em Lisboa, atestadas pelos registos camarários e pelas regulamentações aplicadas às olarias e ao ofício de oleiro (Correia, 1919; Carvalho, 1921; Farinha, 1932; Mangucci, 1996 e 2003; Oliveira, 1997; Fernandes, 1999).

3. Conclusões

Procurámos, ao longo deste enunciado, apresentar um conjunto de características técnicas e formais que permitem caracterizar um grupo específico de vasilhas usuais em estratos arqueológicos da Idade Moderna.

Quer se trate de peças lisas ou decoradas, é a particularidade das suas características que nos impede de as continuar a classificar apenas como cerâmicas de uso comum.

A diversidade de motivos decorativos que encontramos neste conjunto de vasilhas, resultante da aplicação simultânea de vários tipos de técnicas de decoração, não parece revelar uma preocupação de produzir conjuntos de peças iguais. Parece-nos sim que o oleiro tem ao seu dispor um grupo específico de técnicas decorativas e as associa, de forma a produzir exemplares característicos desta grande categoria.

Não poderemos, portanto, associar esta profusão de decorações, que surge de forma cada vez mais afirmada nos finais do século XVI, a um "reflexo do barroco". Se numa primeira fase estas cerâmicas rivalizam à mesa com a baixela de ouro e prata, será sim, no entanto, a estética barroca que garantirá a sua difusão e continuidade até ao século XIX.

A escassez de conjuntos conhecidos de cerâmica fina da Idade Moderna faz com que o conteúdo desta nova proposta não se esgote nestas breves linhas. Que seja este um primeiro passo para a uniformização quer das técnicas decorativas e de manufactura utilizadas, quer da sua própria terminologia, aspectos que se pretendem ver futuramente revistos e aumentados.

Bibliografia

Abelho, Azinhal (1964) – *Memória Sobre os Barros de Estremoz*. Lisboa: Ed. Panorama.

Alarcão, Jorge de (1974) – *Cerâmica Comum, Local e Regional de* Conímbriga. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra.

Álvarez, Fernando Bouza (1999) – *Cartas para as duas Infantas Meninas. Portugal na correspondência de D. Filipe I para suas filhas (1581-1583)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Alves, Francisco J. S.; Rodrigues, Paulo J. P.; Garcia, Catarina e Aleluia, Miguel (1998) – "A Cerâmica dos Destroços do Navio de Meados do Século XV, Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar". In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 185-210.

Amaro, Clementino (1995) – *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

Azevedo, Alda de (1980) – *Cozinheira Ideal*. Porto: Livraria Civilização, p. 38.

Baart, Jan M. (1992) – "*Terra Sigillata* from Estremoz, Portugal". In *Everyday and Exotic Pottery from Europe*. Oxford: Oxbow Books.

Barreira, Paula; Dórdio, Paulo e Teixeira, Ricardo (1998) – "200 Anos de Cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII". In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 145-184.

Bartels, Michiel H. (2003) – "A Cerâmica Portuguesa nos Países Baixos (1525-1650): uma análise socioeconómica baseada nos achados arqueológicos". *Património / Estudos*. Lisboa: Ippar. 5: 70-82.

Blot, Maria Luísa P. e Rodrigues, Severino (2003) – "O Rio Tejo e a Circulação Aquática. Materiais submersos e breve história de um complexo portuário". In *Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 81-94.

Blureau, Raphael (1712-1728) – *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.

Cardoso, Guilherme e Rodrigues, Severino (1991) – "Alguns Tipos de Cerâmica dos Séc. XI a XVI Encontrados em Cascais". In *Actas do IV Congresso Internacional "A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental"*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 575-585.

Cardoso, Guilherme e Rodrigues, Severino (1999) – "Tipologia e Cronologia das Cerâmicas dos Séc. XVI-XVII e XIX Encontradas em Cascais". *Arqueologia Medieval*. Porto: Ed. Afrontamento. 6: 193-212.

Cardoso, Guilherme e Rodrigues, Severino (2003) – "Conjunto de Peças de Cerâmica do Século XVII do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade de Cascais". In *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 269-288.

Cardoso, Guilherme e Rodrigues, Severino (2008) – "As Cerâmicas do Poço Novo (II)". In *Actas das IV Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 95-108.

Carneiro, Eugénio Lapa (1989) – *Empedrado, Técnica de Decoração de Cerâmica*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos e Museu de Olaria.

Caruso, Nino (1986) – *Cerâmica Viva*. Barcelona: Edições Omega.

Carvalho, J. M. Teixeira de (1921) – *Cerâmica Coimbrã no Séc. XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade Coimbra.

Casteleiro, J. Malaca (dir.) (2001) – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo / Academia das Ciências de Lisboa.

Castro, Ana Sampaio e Sebastian, Luís (2003) – "A Componente de Desenho Cerâmico na Intervenção Arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6 (2): 545-560.

Cidade, Hernâni (1962) – *Luís de Camões. O Teatro e as Cartas*. Lisboa: Artis.

Correia, Virgílio (1919) – *Oleiros Quinhentistas de Lisboa*. Porto: Tipographia da Renascença, pp. 88-90.

Correia, Virgílio (1926) – *Livro dos Regimentos de Oficiais Mecânicos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Diogo, A. M. Dias e Trindade, Laura (1995) – "Duas Intervenções Arqueológicas em Lisboa (Rua da Madalena e Rua do Ouro)". *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. 5: 63-74.

Diogo, A. M. Dias e Trindade, Laura (2000) – "Intervenção Arqueológica na Rua de São Nicolau, N.º 107, 111 (Lisboa)". *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 52: 231-253.

Diogo, A. M. Dias e Trindade, Laura (2003) – "Cerâmicas de Barro Vermelho da Intervenção Arqueológica na Calçada de S. Lourenço, N.º 17/19, em Lisboa". In *Actas das 3ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 257-265.

Escudero, Javier (1999) – "El Misterio Pediátrico de «Las Meninas»". *Diário Médico*. Madrid: Unidad Editorial, p. 15.

Farinha, António Lourenço (1932) – *Notícia Histórica do Bairro das Olarias (Lisboa)*. Cucujães: Escola Tipográfica do Colégio das Missões.

Fernandes, Isabel Cristina e Carvalho, António Rafael (1993) – *Arqueologia em Palmela*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

Fernandes, Isabel Cristina e Carvalho, António Rafael (1997) – "Intervenção Arqueológica na Rua de Nenhures (Área Urbana de Palmela)". *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. 11-12: 279-295.

Fernandes, Isabel Cristina e Carvalho, António Rafael (1998) – "Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela". In *Actas das 2ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 211-255.

Fernandes, Isabel Cristina e Carvalho, António Rafael (2003) – "A Loiça Seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela)". In *Actas das 3ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 231-252.

Fernandes, Isabel Maria (1993) – *Catálogo da Exposição Arqueologia em Palmela 1988/92*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.

Fernandes, Isabel Maria (1999) – "Do Uso das Peças: diversa utilização da louça de barro". In *Actas do IV Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, pp. 14-39.

Ferreira, F. E. Rodrigues (1983) – "Escavações do Ossário de S. Vicente de Fora, Lisboa". *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 4: 5-36.

Ferreira, Manuela Almeida (1994) – "Vidro e Cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo". *Mare Liberum*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 8: 117-200.

Ferreira, Manuela Almeida (1995) – "O Barroco na Cerâmica Doméstica Portuguesa". In *Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 151-161.

Ferreira, Manuela Almeida (2003) – "Vidro Arqueológico da Região de Sintra (Séculos XVI e XVII)". *Arqueologia Medieval*. Porto: Ed. Afrontamento. 8: 279-291.

Fontes, Luís; Fernandes, Isabel e Castro, Fernando (1998) – "Peças de Louça Preta Decoradas com Moscovite Encontradas nas Escavações Arqueológicas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães". In *Actas das 2ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 355-363.

Gil, Rosário (2005) – *Olaria da Mata da Machada. Cerâmicas dos séculos XV-XVI*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro.

Gomes, Rosa Varela (2006) – *Silves (*Xelb*). Uma cidade do Garb Al-Andalus: o núcleo urbano*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 44).

Lage, Francisco; Chaves, Luís e Ferreira, Paulo (1940) – *Vida e Arte do Povo Português*. Lisboa, Secretaria da Propaganda Nacional.

Leão, Duarte Nunes de (1610) – *Descripção do Reino de Portugal / per Duarte Nunez do Leão, desembargador da casa da supplicação*. Lisboa: impresso com licença, por Iorge Rodriguez.

Linares, J.; Huertas, F. e Capel, J. (1983) – "La arcilla como material cerámico. Características y comportamiento". *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada: Universidad de Granada. 8: 479-490.

Luna, Isabel e Cardoso, Guilherme (2001) – *Catálogo da Exposição Arqueologia no Distrito de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa.

Mangucci, António Celso (1996) – "Olarias de Loiça e Azulejo da Freguesia de Santos-o-Velho: dos meados do século XVI aos meados do século XVIII". *Al-Madan*. 2.ª série. 5: 155-168.

Mangucci, António Celso (2003) – "A Pesquisa e a Análise de Documentos como Contributo para o Estudo das Olarias de Lisboa". In *Actas das 3ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 425-433.

Manoel, D. Francisco (1765) – *Carta de guia de cazados, para que pelo caminho da prudência se acerte com a caza do descanso*. Lisboa: Officina de António Rodrigues Galhardo.

Mayet, Françoise (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Ed. Boccard.

Moita, Irisalva (1964) – "Hospital Real de Todos-os-Santos. I". *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 101-102: 77-100.

Moita, Irisalva (1965) – "Hospital Real de Todos-os-Santos. II". *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 104-105: 26-103.

Moita, Irisalva (1983) – *Lisboa Quinhentista. A imagem e a vida da cidade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Nunes, Filipe (1982) – *Arte da Pintura. Symmetria, e Perspectiva*. Porto: Editorial Paisagem.

Oliveira, Cristóvão Rodrigues de (1987) – *Lisboa em 1551*. Sumário, apresentação e notas de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte [edição original: 1551].

Parvaux, Solange (1968) – *La céramique populair du Haut-Alentejo*. Paris: Presses Universitaires de France.

Ramalho, Maria e Folgado, Deolinda (2003) – "Cerâmica Modelada ou de Requinte à Mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa". In *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 247-268.

Raposo, Maria Teresa Sadio (1985) – *A Representação de Objectos de Uso Doméstico na Pintura da Primeira Metade do Século XVI em Portugal*. Dissertação de Mestrado.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mestrado em História de Arte. (documento policopiado).

REAL, Manuel; GOMES, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo e MELO, Rosário (1995) – "Conjuntos Cerâmicos da Intervenção Arqueológica na Casa do Infante, Porto. Elementos para uma sequência longa: séculos IV-XIX". In *Actas das 1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 171-186.

REGO, Miguel e MACIAS, Santiago (1993) – "Cerâmicas do Século XVII do Convento de Sta. Clara (Moura)". *Arqueologia Medieval*. Porto: Ed. Afrontamento. 3: 147-158.

RESENDE, Garcia de (1991) – *Crónica de D. João II; e Miscelânea*. Prefaciado por Joaquim Veríssimo Serrão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda [edição original: 1607].

RICE, Prudence M. (1987) – *Pottery Analysis. A Sourcebook*. Chicago: The University of Chicago Press.

SARDINHA, Olinda (1997) – "Olarias Pedradas Portuguesas: contribuição para o seu estudo". *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 8-10: 487-512.

SARDINHA, Olinda (1999) – "Notícia sobre as Peças Pedradas do Galeão San Diego (1600)". *Arqueologia Medieval*. Porto: Ed. Afrontamento. 6: 183-192.

SEQUEIRA, G. de Matos (1967) – *Depois do terramoto: subsídio para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

SERRA, Manuel Pedro (coord.) (2004) – *Catálogo do Museu Municipal de Arqueologia de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

SERRÃO, Vítor (coord.) (1993) – *Josefa de Óbidos e o Tempo Barroco*. Lisboa: TLP e Instituto Português do Património Cultural.

SERRÃO, Vítor (coord.) (2002) – *Rosso e oro: tesori d'arte del barocco portoghese*. Roma: Ed. Mandadori Electra.

SESEÑA, Natacha (1991) – *El búcaro de las meninas, in Velásquez y el arte de su tempo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

SILVA, António Manuel; RODRIGUES, Miguel Areosa; GOMES, Paulo Dordio e TEIXEIRA, Ricardo Jorge (2000) – "A Arqueologia Medieval e Moderna na Região do Porto". *Al-Madan*. 2.ª série. 9: 104-110.

SILVA, Raquel Henriques da; FERNANDES, Isabel Maria e SILVA, Rodrigo Banha da (2003) – *Olaria Portuguesa: do fazer ao usar*. Santo Tirso: Assírio e Alvim.

SOMÉ MUÑOZ, P. e HUARTE CAMBRA, R. (1999) – "La Ceramica Moderna en el Convento del Carmen (Sevilla)". *Arqueologia Medieval*. Porto: Ed. Afrontamento. 6: 160-171.

TORRES, Cláudio (1985) – "A Cintura Industrial de Lisboa de Quatrocentos. Uma abordagem arqueológica". In *Actas das Jornadas de História Medieval*. Lisboa: História e Crítica, pp. 293-296.

TRINDADE, Laura e DIOGO, António Dias (1998) – "Cerâmicas da Época do Terramoto de 1755 Provenientes de Lisboa". In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 349-354.

VALE, Ana Pereira do e MARQUES, João António F. (1997) – "Escavações Arqueológicas no Largo do Corpo Santo (Lisboa): estruturas do Palácio Corte Real". In *II Colóquio Temático Lisboa Ribeirinha*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 123-131.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1921) – *Algumas Palavras a Respeito de Púcaros de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1957) – *Algumas Palavras a Respeito de Púcaros de Portugal*. Lisboa: s.n.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1988) – *Algumas Palavras a Respeito de Púcaros de Portugal*. Lisboa: Ed. José Ribeiro.